

Regina Steffen

A obra de Lacan freqüentemente causa profundo estranhamento ao leitor, donde sua fama de ser um autor hermético e difícil, o que não deixa de ser verdade à primeira vista.

Sua vasta produção teórica se divide em uma obra escrita e outra oral, fruto da transcrição de seminários mantidos por ele ao longo de três décadas, cujos textos são estabelecidos por seu genro J-A. Miller. As duas formas revelam o mesmo estilo gongórico.

À medida que analisamos as circunstâncias em que a obra lacaniana foi produzida, o estranhamento cede lugar ao profundo interesse que suas propostas trazem para a teoria e clínica da psicanálise.

O primeiro a se considerar é que Lacan dirige-se sempre àqueles que já conhecem em profundidade a obra de Freud. Seu interlocutor não é o leigo, muito embora seu ensino tenha sempre sido público.

Outro ponto a se levar em conta é a situação contra a qual Lacan se levanta, pois sua obra denuncia os descaminhos a que a psicanálise foi levada no pós-guerra, propondo um “retorno a Freud” com o intuito de restituir-lhe a essência: a primazia do inconsciente. Tal debate permeia a obra inteira de Lacan, nem sempre de modo declarado. Se não se considera essa dimensão presente no texto, a impressão de estranheza fica ainda maior.

A análise do estilo de Lacan não pode deixar de levar em conta a vanguarda discursiva na qual ele se insere. O início de seu ensino coincide com o início do período de radicalização da modernidade, cujas marcas se fazem notar em todas as formas de expressão cultural. Uma das características presentes nas mais diversas formas de arte moderna é o rompimento com o sentido. Nada mais depende do sentido, nem tampouco pretende ser entendido. Nas artes plásticas, a pintura moderna, cujo expoente máximo é o surrealismo, ilustra perfeitamente bem essa proposta: a obra não é produzida para ser entendida e sim, para mobilizar o espectador. O mesmo vale para a música dodecafônica, para a poesia concreta e para a literatura que agora se entrega ao fluxo da consciência do narrador, como em Joyce e Musil, em vez de

contar uma estória de modo linear e inteligível como se fazia no período precedente. Freud pertence a esse período antecedente. Seu estilo discursivo está inserido na tradição clássica. Ele escreveu para ser entendido, e o fez com tal sucesso que recebeu o prêmio Goethe de literatura, embora não fosse um autor literário.

Lacan é filho de um momento cultural cuja palavra de ordem é a “desconstrução”. Contudo, seu estilo não se justifica apenas por estar mergulhado no espírito da época. Talvez, a principal razão de seu inusitado estilo resida na própria essência do retorno a Freud a que ele se propõe.

Proponho pensarmos esse “retorno” a partir do conceito psicanalítico de “retorno do recalado” que define as produções do inconsciente, caracterizando-as pela volta do mesmo numa forma completamente nova, muitas vezes sem sentido para a lógica da consciência. Assim são os sonhos, os sintomas, os lapsos que cometemos em nosso cotidiano e até mesmo a piada que contamos. Embora esta não possa prescindir do sentido para ser entendida, seu “espírito” reside justamente, no trânsito do conteúdo consciente pela “outra cena” de onde volta trazendo um sentido surpreendente, inesperado. Não é à toa que Lacan inicia seu retorno a Freud pelas obras que ele denomina “canônicas”: A Interpretação dos Sonhos, O Chiste e sua Relação com o Inconsciente e A Psicopatologia da Vida Cotidiana.

O conceito psicanalítico de “retorno” não se restringe às produções sintomáticas, estando presente em qualquer manifestação psíquica, como no devaneio, na produção literária, poética, na transferência, enfim no estilo do sujeito, constituindo a evidência da sobredeterminação inconsciente que compulsivamente repete, em diferentes variações, sempre o mesmo e irrepresentável “cerne de nosso ser”. Aliás, o que faz a diferença entre a produção neurótica e obra civilizatória, não é a presença do retorno do recalado, pois que a repetição é um destino humano irrevogável, mas sim, o tipo de repetição. O neurótico fica preso numa repetição cristalizada. Ele repete sempre o mesmo. Já a obra civilizatória produz o retorno do mesmo numa forma nova, inédita. O que nela se repete desloca-se incessantemente produzindo sempre o diferente.

Lacan enceta seu “retorno” a partir de questões ligadas à formação do analista. Como garantir que a formação do analista seja uma verdadeira formação do inconsciente, no sentido de que traga a marca do retorno subjetivo que caracteriza um estilo, sem que seja uma formação neurótica que reproduz o mesmo? Como evitar que a formação produza clones? A única possibilidade é que a transmissão da psicanálise se faça numa estrutura discursiva própria da psicanálise e não pelos parâmetros do discurso universitário.

Lacan produz, então, um ensino que se faz ao estilo da psicanálise, e não ao modo do ensino acadêmico. A lógica que perpassa seu discurso é a lógica do inconsciente, muito mais que a da consciência. Ele se utiliza de homofonias e cria conceitos polissêmicos que valem justamente pela indecisão do sentido que carregam. O Outro é sempre convocado na produção do sentido do texto lacaniano, que diferentemente de um texto acadêmico, não oferece um sentido já pronto.

Os conceitos forjados por Lacan não admitem um sentido definitivo. Sempre fica algo em aberto a denunciar que a linguagem não chega jamais a dizer tudo. Lacan traz para a transmissão teórica da psicanálise a própria essência do inconsciente, com toda a estranheza que sua lógica causa à razão consciente. O saber em questão, inclusive na transmissão teórica, é um só: o saber inconsciente, que ao mesmo tempo, é instrumento e matéria de trabalho. Essa condição inédita situa a psicanálise num campo epistêmico completamente diferente dos demais. O psicanalista é o único profissional cuja formação trata de habilitar seu próprio psiquismo para trabalhar o psiquismo do outro. Certamente por isso, Freud afirmava ser a psicanálise uma profissão impossível.

Como se não bastasse essa característica inusitada da psicanálise, há ainda um outro complicador: como formalizar um saber que, por ser inconsciente, é da ordem do irrepresentável? Este é o ponto no qual Lacan situa seu ensino, numa tentativa de responder a essa questão paradoxal.

Por situar seu ensino no cerne da descoberta freudiana e por sua fidelidade à essência da psicanálise, entendendo que a posição do analista é a mesma no ensino e na clínica, Lacan se considerava um autêntico freudiano, ainda que em seu “retorno” tenha produzido uma teoria repleta de ineditismo e uma clínica diversa daquela praticada nos institutos ligados à Associação Internacional de Psicanálise, a poderosa IPA.

As instituições filiadas à IPA, dentre as quais aquela da qual Lacan fazia parte como analista didata, assimilaram pouco a pouco, as noções vindas de uma corrente psicanalítica nascida nos Estados Unidos, denominada “Psicologia do Ego”. Uma prática clínica burocratizante, uma formação analítica nos moldes universitários, com prazo de duração pré-determinado e certificado ao final, tendo por ápice a identificação do analisando a seu analista, tornaram-se motivo da crítica lacaniana que denunciava o desaparecimento do inconsciente na psicanálise praticada pelos órgãos ligados à IPA. Daí justamente a necessidade de um “retorno a Freud”, retorno ao inconsciente e à experiência disruptiva que ele promove.

Coerente com essa proposta, ele contesta o conceito de análise didática, tal qual praticada pela IPA, afirmando que a análise será didática sempre que em seu final produza um analista, ou seja, uma análise não se torna didática só por receber essa denominação, mas se confirma didática por ter produzido um analista que, além do mais, “não se autoriza senão por si mesmo”, Lacan postula. Trata-se de uma mudança de foco muito importante, pois implica o próprio sujeito nesse percurso, retirando da instituição o poder sobre o saber inconsciente.

Rompendo com o setting analítico, passa a fazer sessões de tempo variável, freqüentemente curto, respeitando o tempo lógico inconsciente do paciente e não o tempo cronológico.

Essas posições assumidas por Lacan na clínica e na transmissão teórica, custam-lhe a expulsão dos quadros da IPA, e a subsequente fundação de sua própria escola.

Nascido de uma dissidência da psicanálise que se pretende ortodoxa, o movimento lacaniano se estruturou entorno do eixo central da descoberta freudiana: o saber inconsciente.

Lacan relê Freud à luz do estruturalismo, da lingüística de Saussure e da filosofia hegeliana. Esse prisma revela o inconsciente “estruturado como uma linguagem”, dimensão também presente em Freud desde o Projeto, obra na qual o inconsciente já é descrito como um sistema de representações de natureza lingüística que se comportam como elementos de uma estrutura. Essa descrição será amplamente detalhada no sétimo capítulo da Interpretação dos Sonhos, consagrando-se definitivamente na teoria psicanalítica e determinando a clínica que daí decorre.

Em Lacan, a recuperação dessa pedra angular da teoria psicanalítica, formulada agora em termos de um “inconsciente estruturado como uma linguagem”, servirá de referência fundamental para todo o desenvolvimento teórico e clínico que virá a seguir. É daí que surge o “sujeito barrado” (\$), termo pelo qual Lacan irá designar o sujeito do inconsciente cindido pela linguagem. A linguagem é o único instrumento de apreensão do real, cujo acesso completo, no entanto, está barrado ao sujeito, pelo limite da própria linguagem para dizer tudo. O sujeito da linguagem acha-se, assim, dividido entre duas correntes discursivas, condenado a jamais saber quem fala naquilo que ele diz. Esse é um modo de formular a mesma divisão já apontada por Freud entre consciente e inconsciente.

Todos os demais conceitos irão se perfilar como consequência dessa primazia absoluta da linguagem na constituição subjetiva: o objeto a, o Outro, o desejo, o gozo, e toda a imensa galeria de termos lacanianos que acabam por constituir uma teoria e uma clínica inéditas, mas que ainda assim, trazem a marca da descoberta de Freud.

Lacan avança suas formulações buscando formalizar o inconsciente, formalizando aquilo que é da ordem do indizível para garantir sua possibilidade de transmissão. Cria o termo matema com o qual designa os elementos de sua álgebra, buscando com isso isolar a unidade representacional mínima que possa dar conta de representar aquilo que não se pode dizer. Nesse percurso, faz avançar a teoria psicanalítica para além de seus impasses.

Dentre os muitos avanços promovidos por Lacan no conjunto da teoria e clínica da psicanálise, estão a definição do final da análise e a estruturação do campo da sexualidade feminina.

Apesar de a origem da psicanálise ser tributária da mulher (a histérica do final do século XIX a quem a psicanálise dá voz inventando uma escuta), a sexualidade feminina nunca chegou a ser totalmente formulada por Freud que a compara ao “continente negro” por seu total desconhecimento. Sua perplexidade frente ao feminino está expressa na afirmativa de que em toda sua vida nunca chegou a entender o que quer uma mulher.

Caberá a Lacan avançar essa questão quando definir o território do real. Essa dimensão psíquica foi apenas arranhada por Freud quando ele postulou o além do princípio do prazer, não tendo extraído disso suas últimas consequências. Pois foi justamente aí que Lacan localizou o território feminino. A sexualidade feminina transita em parte pelo campo do real.

A questão do final da análise também dependerá do desenvolvimento da noção do real para encontrar uma solução mais satisfatória do que aquela apresentada por Freud.

Para ele, a análise não terminava. Ela avançava até um limite no qual se deparava com o que chamou de “a rocha da castração”. Este seria o mais distante a que se poderia conduzir uma análise. Nesse ponto o sujeito interromperia o processo, acuado por essa que é a maior angústia que se pode vivenciar. A análise estaria assim concluída, mas por tratar-se de uma interrupção, poderia e deveria ser retomada de tempos em tempos, recomendava Freud. Impossível de terminar, a análise se tornava interminável.

Lacan entende que levar uma análise até encontrar o traço da vivência de castração, é estendê-la até o último recurso da dimensão simbólica, à qual o sujeito chega justamente pela vivência da castração. Entretanto, essa não é a última fronteira do psiquismo. Para além da organização simbólica está o real. Para além do prazer, o gozo. O mais além do princípio do prazer de que falava Freud na última revisão conceitual de sua obra. Freud situa aqui a pulsão de morte, definida como uma pulsão silenciosa. Este é o território daquilo que fica fora da simbolização, por isso seu silêncio. Estamos no limite do alcance da linguagem. Ponto em que se toca no irrepresentável. É aqui que Lacan situa o real. A partir daí propõe uma clínica do real para conduzir a análise para além desse encontro com a castração. Ele denomina esse ponto de “travessia da fantasia”.

O atravessamento da fantasia leva à identificação do sujeito com seu sintoma. Não o sintoma neurótico, mas um sintoma primeiro, fundante, constitutivo da subjetividade. Identificar-se com esse sintoma equivale a assumir-se enfim irremediavelmente castrado, dividido, incompleto. Nesse momento, o sujeito cai da ilusória posição de mestre da vida, na qual sua condição neurótica o mantinha.

A aceitação de nossa própria incompletude representa um momento de queda subjetiva que reencena o mito da queda do paraíso. O final da análise reedita o momento inaugural no qual o filho de Deus inicia sua jornada como homem mortal. É aqui que vivemos de fato, não no paraíso neuroticamente buscado. Nossa condição é limitada pela morte, mas há que se inventar a vida no meio do caminho. O neurótico, seduzido pela idéia de voltar ao paraíso, se paralisa diante da vida.

Uma análise deve levar o sujeito a experimentar o limite de seu poder, comprovando o caráter ilusório da sedução imaginária.

Chegado a esse ponto da análise, a economia do desejo altera-se de modo a constituir condição suficiente e necessária para a escuta analítica, daí Lacan afirmar que o fim da análise produz o analista.

Com Lacan, a análise tem fim. Seu fim se dá com a identificação do sujeito consigo mesmo, com sua própria condição subjetiva, habilitando-o a fazer a vida com isso.

É evidente o abismo conceitual e clínico entre essa postura e aquela professada como final de uma análise didática nos institutos ligados à IPA.

Há ainda outro aspecto a ser considerado na análise da obra lacaniana. Trata-se do caráter ímpar de sua obra na história do conhecimento. Lacan é autor de um único livro, de fato uma coletânea, que reúne textos apresentados em congressos, escritos em resposta a algum outro autor, textos esparsos. Ele nem ao menos lhe deu um nome próprio. Chamou-o “Escritos”, como um pai que chamasse seu filho de “Bebê”. O outro livro de sua autoria, também uma coletânea, publicada postumamente, sequer foi organizada por ele. Chamou-se “Novos Escritos”. Ao todo são quase 1500 páginas de textos teóricos, entretanto Lacan nunca compilou de modo sistematizado a teoria que desenvolveu durante toda sua vida e que declaradamente foi elaborada para promover a transmissão da psicanálise.

Lacan escreveu (e não foi pouco), mas certamente não produziu uma obra acadêmica, aquela que, do prefácio à conclusão, pretende transmitir um sentido ao leitor.

A outra parte de seu ensino foram os seminários. Ensino oral, portanto. A publicação desses seminários depende de um organizador. Lacan está aí, mas não todo... E apesar de tudo isso, ou talvez exatamente por causa disso, seu ensino tem-se mostrado fecundo há cinco décadas.

A coerência entre a experiência clínica e a transmissão teórica, talvez seja a maior responsável pela estranheza causada pela obra de Lacan. Ele situa seu ensino na mesma posição que o analista ocupa na clínica, de modo que o leitor é convocado a participar na produção do sentido, implicando-se aí subjetivamente. E mesmo assim, há algo que sempre escapa, não se completa, obrigando-nos a dizer de novo, mais, melhor e outra vez...

A vasta obra lacaniana foi produzida no “retorno a Freud” que ele empreendeu. Ao retornar à psicanálise, Lacan reencontra o inconsciente e a clínica como seu único modo de abordagem. Clínica e transmissão da psicanálise se soldam de modo definitivo em Lacan: a clínica sempre produz o analista e o ensino só é possível a partir da posição do analista.

Essa profunda diferença entre o campo lacaniano e os demais institutos de formação, sugere a interrogação sobre o que é verdadeiramente psicanalítico? Quem é freudiano? Questões impossíveis de serem decididas, que devem ficar a cargo daqueles que julgam relevante essa

disputa.

Regina Steffen.

Texto apresentado por Regina Steffen, na abertura de Leituras Introdutórias aos Conceitos Lacanianos, em março de 2007, na Associação Campinense de Psicanálise.